

A VIAGEM DE CUIABÁ A DIAMANTINO NO SÉCULO XIX. RELATOS DOS VIAJANTES: FLORENCE, BOSSI, CASTELNAU, BADARIOTTI, VON DEN STEINEN

THE JOURNEY FROM THE CUIABÁ TO DIAMANTINO IN THE 19TH
CENTURY. REPORTS OF TRAVELERS: FLORENCE, BOSSI, CASTELNAU,
BADARIOTTI, VON DEN STEINEN

João Carlos Barrozo

Universidade Federal de Mato Grosso

Correspondência:

Programa de Pós-Graduação em História

Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança - Cuiabá - MT - 78060-900

E-mail: jcbarrozo@uol.com.br

Resumo

O caminho entre Cuiabá e a vila de Diamantino foi aberto após a descoberta do ouro e dos diamantes, no século XVIII. Durante o século XIX vários cientistas viajantes passaram por esta estrada até Diamantino. Durante a viagem estes viajantes fizeram anotações com observações detalhadas sobre a flora, a fauna e a geologia e sobre os usos e costumes dos moradores dos povoados situados ao longo da estrada. Os relatos refletem os diferentes interesses e a formação científica dos cientistas. Castelnau se distingue pelas observações sobre a formação geológica e o relevo dos terrenos da região percorrida, descrevendo os povoados e sua população. Os relatos de Bossi e Badariotti, cujas expedições foram financiadas por bancos para pesquisar o potencial econômico do norte de Mato Grosso, não escondem seu interesse econômico. Os relatos de Florence e Von den Steinen evidenciam a prevalência do interesse científico.

Palavras-Chave: Viajantes; Século XIX; Diamantino.

Abstract

The path between Cuiabá and the village of Diamantino was opened after the discovery of gold and diamonds, in the 18th century. During the 19th century many scientists travelers passed through this road to Diamantino. During the journey, travelers have made observations with detailed notes on the flora, fauna and geology and on the uses and customs of the inhabitants of villages situated along the road. The reports reflect the different interests of scientists and scientific training. Castelnau is distinguished by the comments about the geological formation and topography of the land area covered, describing the village and its people. The reports of Badariotti and Bossi, whose expeditions were financed by banks to search for the economic potential of northern Mato Grosso, do not hide their economic interest. Reports of Florence and Von den Steinen show the prevalence of scientific interest.

Keywords: Travelers; 19th Century; Diamantino.

Introdução

A estrada que interligava Cuiabá à vila de Diamantino era utilizada desde meados do século XVIII, quando foi descoberto ouro e, posteriormente, diamantes no rio Diamantino e nas cabeceiras do rio Paraguai. Após a liberação da exploração do diamante ¹ no Alto Paraguai-Diamantino, o governador mandou abrir e limpar a estrada reúna ² para o Alto Paraguai. Ao longo do século XIX vários cientistas viajantes passaram pela vila de Diamantino, e pelas minas de diamante das cabeceiras do Rio Paraguai.

Os relatos destes viajantes, quase todos naturalistas, revelam observações detalhadas da flora, da fauna, da geologia, assim como dos usos e costumes da população. Neste artigo apresentarei as observações dos viajantes ³ de maior destaque que foram até as “minas” ⁴ de Diamantino no século XIX, descrevendo o caminho de Cuiabá até a vila de Diamantino.

O primeiro autor analisado neste texto, Hercule FLORENCE ⁵, membro da expedição Langsdorff, esteve em Diamantino no ano de 1827. Florence fez poucas observações sobre o caminho percorrido até Diamantino. Seu relato destaca a viagem de Diamantino, a partir do porto do Rio Preto, até Santarém e Belém, no Estado do Pará.

Em 1844 a expedição de Francis CASTELNAU ⁶ chegou a Diamantino, quinze anos depois da expedição de Langsdorff. O relato de Castelnau sobre a viagem até Diamantino, é o mais detalhado de todos os relatos analisados neste texto. Castelnau fez muitas observações sobre a formação geológica dos terrenos ao longo do caminho, assim como sobre o relevo da região percorrida. Seu relato descreve vários lugares, com detalhes dos povoados e sua população.

A expedição de Bartolomé BOSSI ⁷ chegou à vila de Diamantino em 1862. Esta expedição se destaca pelo grande número de pessoas. Bossi pretendia conhecer o potencial econômico do norte de Mato Grosso, explorando os seringais do rio Arinos.

¹ Quando os garimpeiros descobriram diamantes junto com o ouro, as minas do Alto Paraguai-Diamantino foram fechadas, visto que a exploração do diamante era exclusiva da Coroa Portuguesa. Em 1804 a exploração de diamantes foi permitida no Alto Paraguai, em consequência da decadência da produção de diamantes no Distrito do Tijuco, em Minas Gerais.

² Em Mato Grosso se chama *estrada reúna*, ou estrada real, a estrada que o rei havia mandado fazer, que ficava sob a administração da coroa. Bernardino José de SOUZA. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1961 p. 178.

³ Karl Von den STEINEN não foi até a área de mineração de Diamantino. Quando chegou ao Chapadão, conhecido como Campo dos Veados, no Estivado, ele rumou para o Nor-Nordeste, em direção ao Rio Novo, para visitar os Índios Bacairis “Mansos”, de onde continuou para o rio Xingu.

⁴ Em Diamantino e entorno (Rio Paraguai, e seus formadores e afluentes), não havia “minas” de ouro nem de diamante. Havia exploração (garimpagem) de ouro e diamante de aluvião.

⁵ FLORENCE, Hercule. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*. São Paulo, Ed. Cultrix / Edusp, 1977.

⁶ CASTELNAU, Francis. *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul*. Tomo II. São Paulo, Brasiliense, série 5ª, Vol. 266-A. Companhia Editora Nacional, 1949.

⁷ BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e Arinos*. Tradução de Maria do Rosário de F. G. Godinho. Brasília, Edições do Senado Federal, 2008.

Porém, devido aos ataques dos índios Tapaiúnas, sua expedição retornou antes de Chegar ao destino planejado. O relato de Bossi demonstra um grande interesse pela formação geológica dos terrenos, sobretudo onde havia indícios de ocorrência de metais e pedras preciosas.

Bossi tinha grande preocupação em localizar e situar os córregos e rios nas respectivas bacias do Amazonas e Paraguai, assim como registrar as coordenadas geográficas com a localização precisa de cada local visitado.

A expedição de Karl Von den STEINEN⁸ viajou de barco a partir do Rio da Prata, passando por Montevideu, Assunção, Corumbá e Cuiabá, aonde chegou em 1884. A partir de Cuiabá ele viajou para o Xingu. Von den Steinen não chegou até a vila de Diamantino. Ele percorreu o mesmo caminho dos outros viajantes aqui estudados, chegando até o Estivado, próximo da vila de Diamantino, onde se desviou para Mordeste, em direção ao Rio Novo e Paranatinga.⁹ Até o local onde ele chegou, mais ou menos umas quatro léguas antes de Diamantino, ele percorreu o mesmo caminho utilizado pelos outros viajantes que foram até Diamantino.

Nicolau BADARIOTTI¹⁰, padre da congregação Salesiana, participou de uma expedição financiada pelo Banco Rio-Mato Grosso, com o objetivo de explorar as riquezas do rio Tapajós. Esta expedição percorreu um caminho diferente das outras expedições, passando por Diamantino apenas no retorno para Cuiabá. Eles seguiram pelo caminho da Barra do (rio dos) Bugres, Serra de Tabirapuã, Chapada dos Parecis, até a bacia do Juruena. Na volta passaram pela Chapada dos Parecis, no sentido Oeste para Leste, chegando a Diamantino, onde permaneceram alguns dias. Badariotti faz poucas observações sobre o caminho de volta, de Diamantino até Cuiabá.

Dois destes viajantes, Bossi e Badariotti, tinham o objetivo explícito de pesquisar o potencial econômico do norte de Mato Grosso, sobretudo os minerais e os produtos florestais, com destaque para a borracha e a ipecacuanha, mais conhecida como poaia. Badariotti participou da expedição como religioso, para fazer o contato com os indígenas. Bossi era empresário no Uruguai, onde operava, sobretudo no ramo da navegação.

A estrada de Cuiabá para Diamantino: Relatos de alguns viajantes

Segundo o relato de Hercule FLORENCE, a expedição Langsdorff, composta pelos senhores Langsdorff, Rubzoff, Florence e ajudantes, partiu de Cuiabá para a vila de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino no dia 5 de dezembro de 1827. No mesmo dia os senhores Riedel e Taunay partiram para a Vila Bela de

⁸ STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para exploração do rio Xingu*. Brasileira, vol. 3. Tradução de Catarina B. Cannabrava. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

⁹ O lugar onde Von den Steinen mudou a direção está situado um pouco antes do “Posto Gil”, onde tem uma estrada de terra que vai para o Rio Novo.

¹⁰ BADARIOTTI, Nicolau. *Exploração no Norte de Matto Grosso*. Região do Alto Paraguai e Planalto dos Parecis. São Paulo, Escola Typographica Salesiana, 1898.

Mato Grosso.¹¹ Depois de uma marcha de uma légua, a caravana acampou para o pouso no local denominado Capela.

Francis CASTELNAU¹² e membros da expedição partiram de Cuiabá rumo a Diamantino no dia 20 de dezembro de 1844. Sobre o início da viagem, Castelnau escreveu: “[...] depois de termos percorrido três léguas, passamos a vau, embora com dificuldade, o rio Bandeira e, meia légua mais adiante, um outro (rio)”.

Como bom observador, Castelnau faz referência à palmeira “carandá” vista à beira do caminho. Ele observa que esta palmeira raramente é encontrada ao norte de Cuiabá, sendo “[...] o principal elemento da vegetação do baixo Paraguai e do Grão-Chaco”. A formação dos terrenos é constantemente observada pelo autor do relato. Sobre o primeiro trecho da viagem, ele destaca que “[...] a superfície do caminho é formada de quartzo leitoso”. Com a atenção voltada para a formação geológica do solo, Castelnau observa que na margem do rio Cuiabá, no lugar chamado Capela, “[...] vê-se apontando da terra blocos de granito, sob a forma de massas arredondadas”.¹³

Como a expedição de Bartolomé BOSSI¹⁴ era relativamente grande, os preparativos para a viagem demoraram vários dias. A expedição era composta de 40 “voluntários” de diferentes nacionalidades, e 16 indivíduos da tropa de linha cedidos pelo governador da Província de Mato Grosso, comandada pelo tenente Sabino.

A expedição partiu de Cuiabá no dia 05 de junho de 1862, às duas da tarde. Caminharam até ao final da tarde, acampando “[...] em um lugar chamado Capela, sobre a margem esquerda do rio Cuiabá”, situada a uma légua da cidade de Cuiabá.

O relato de Badariotti¹⁵ descreve a composição da comitiva, da qual faziam parte o Sr. Roche e Badariotti; Manuel, chefe arrieiro; Clemente, argentino; Nicanor, excabo; Totico, brasileiro; Rufino, índio Chiquitano da Bolívia; Irineu cozinheiro argentino e o menino Paulino, sacristão.

Badariotti faz um relato minucioso das provisões adquiridas para a viagem, as quais se compunham de: feijão, arroz, farinha de mandioca, carne em latas, conservas, aguardente, fumo, etc. A carne fresca seria obtida de oito bois que acompanhavam a expedição, os quais seriam “imolados durante a viagem”. A caça e a pesca suplementariam a carne fresca. Para caçar e, eventualmente se defender, afugentando os índios mais agressivos, eles portavam carabinas e rifles.

A expedição levou uma provisão de objetos (bugigangas e alguns utensílios, como facas e machados) para presentear os índios.

¹¹ O jovem Taunay, pintor da expedição, morreu tragicamente afogado no Rio Guaporé em Vila Bela da Santíssima Trindade.

¹² CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 170.

¹³ Idem, p. 170.

¹⁴ BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca... op. cit.*, p. 70.

¹⁵ BADARIOTTI, Nicolau. *Exploração no Norte... op. cit.*, 18. Como Badariotti seguiu para o Chapadão dos Paresi pela Barra do Bugres, eles apenas fez algumas observações sobre o caminho inicial percorrido por ele, até desviar para Oeste, em direção a Barra do Bugres. Na volta ele passou por Diamantino, sobre a qual fez várias observações.

Para o transporte levaram 10 cavalos de sela, 22 burros e 10 bois de cangalha (canga) “como se costuma em Mato Grosso”.¹⁶ A expedição partiu de Cuiabá no dia 26 de julho de 1898, depois de uma missa no Colégio São Gonçalo, seguida de despedida dos alunos do colégio.

O primeiro ponto de referência relatado por Badariotti é o rio Pari, afluente do rio Cuiabá. Ele observa que na saída de Cuiabá a estrada passa por vegetação de cerrado. Ao chegar ao rio Pari, a expedição acampou para o pouso na margem do rio. Durante a noite alguns animais fugiram, atrasando a viagem. Badariotti relata que aproveitou para fazer incursões no rio Pari para a observação de animais e plantas. Durante o percurso visitaram o povoado da Conceição, na margem direita do rio Cuiabá. Badariotti, rumou para Noroeste, em direção à Barra do (rio dos) Bugres. O autor relata que depois do rio Pari, subiram o chapadão, de onde eles avistaram a serra das Araras. (Idem, *ibidem*)

Florence¹⁷ relata que no dia 6 de dezembro eles marcharam até o ribeirão Coxipó-Guaçu, onde pousaram, continuando a viagem no dia sete de dezembro.

Passando na mesma região, Castelnau observa que, do ponto onde estavam passando, via-se à “[.] direita da estrada, a uma distância de três a quatro léguas, o planalto da Serra Azul [...]”.¹⁸

No dia 21 a partida foi retardada “[...] em virtude da perda de alguns animais”. Ele observa que o terreno por onde passaram era constituído de “campos molhados”. Depois de umas três léguas eles atravessaram “[...] o rio Coxipó-Açu¹⁹, bastante largo e fundo, de modo que só com muita dificuldade conseguimos vadeá-lo”. (idem, *ibidem*).

O relato de Bossi destaca que marcharam até o “lugar chamado Guia, situado a 15° 23’ de latitude Sul”. O autor observa que é “[...] um pequeno povoadozinho a seis léguas de Cuiabá, e situado sobre a margem do rio Coxipó Mirim”.²⁰

Karl Von den Steinen²¹ partiu de Cuiabá no dia 29 de maio de 1884. A comitiva era composta por Von den Steinen, seu primo Guilherme Von Den Steinen, desenhista, e o astrônomo Oto Klaus. Em Cuiabá foram contratados alguns homens como ajudantes, além de um piquete com 04 homens (1 sargento, 2 cabos e 1 praça) e 25 homens da infantaria. Ao todo eram 38 pessoas. Havia 09 mulas, 25 bois, 6 cães (todos com nomes), assim como os bois que também tinham nomes. Cada homem da tropa era responsável por um dos bois. Tupi era o encarregado dos víveres da comitiva. Nos primeiros dias Von den Steinen teve problemas de indisciplina de alguns ajudantes, devido à ingestão de álcool. Em Rosário Oeste ele entregou dois deles para o comandante do

¹⁶ Idem, p. 19.

¹⁷ FLORENCE, Hercule. *Viagem Fluvial... op. cit.*, p. 197.

¹⁸ CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 170.

¹⁹ O sufixo “Açu” e “Guaçu”, de origem indígena, tem o significado de grande. Florence designa o rio como “Coxipó-Guaçu”, e Castelnau como “Coxipó-Açu”.

²⁰ BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca... op. cit.*, p. 71.

²¹ STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central... op. cit.*, 103.

destacamento para serem levados de volta para Cuiabá. Sobre o primeiro dia de marcha ele relata que no final do dia passou pelo lugarejo da Guia.

Florence (idem, ibidem) relatou em seu diário que no dia 9 de dezembro, chegaram à Passagem, localidade onde se transpõe o rio Cuiabá. Os membros da expedição pousaram no povoado. Próximo ao rio havia alguns casebres de moradores. Florence observa que no caminho havia “carandás brabos”.

Ao passar com sua expedição pelo mesmo lugar alguns anos depois, Castelnau²² observa que do outro lado do rio “[...] existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Guia muito célebre na zona. Torna-a muito curiosa uma série de desenhos coloridos, obra de um pintor local, que neles representou vários milagres realizados pela madona, especialmente bois e cavalos curados de diversas doenças”.

Castelnau observa ainda que “[...] a aldeia (da Guia) contém umas 12 ou 14 casas, e possui cerca de 60 habitantes. Estavam construindo nela uma pequena igreja”.²³

No dia 22 de dezembro de 1844 a expedição de Castelnau entrou em zona de campo, onde começaram a aparecer, “[...] disseminadas pelas margens da estrada, muitas habitações humanas”. O autor comenta que “[...] toda essa região é muito insalubre”. Além do mais, os moradores relataram que o gado morre de mordedura de cobras. (Idem, ibidem).

A expedição marchou até o engenho da Cruz, ou da Boa Vista. O autor do relato observa que “[...] dão, aqui o nome pomposo de engenho a um miserável telheiro aberto aos quatro ventos, onde os escravos fabricam rapadura”.

O caminho acompanha quase sempre o curso do Cuiabá. “Perto corre o lindo córrego dos Aricurizais”.²⁴ “O planalto da Serra Azul havia-se afastado muito da estrada, formando ao longe uma linha azulada [...]. Depois do rio Forquilha, a cerca de duas léguas do caminho, vêm-se os morros que flanqueiam o rio Cuiabá. Duas léguas e meia a sudoeste do engenho da Boa Vista avista-se um povoado conhecido pelo nome de Brotas, a cuja circunscrição pertence o engenho. Este povoado fica à margem do rio Cuiabá”.

No dia 23 de dezembro de 1844 os membros da expedição atravessaram “[...] campos semeados de vegetação arbórea, vendo-se muitas casas durante a jornada de seis léguas que tiveram de fazer para chegar à margem do rio Cuiabá”. O lugar em que o rio é atravessado pela estrada chama-se Passagem. Este lugar possui uma dúzia de casas, onde os membros da expedição passaram a noite. Castelnau observa que “[...] o rio aí é largo e forma um cotovelo; suas margens são orladas de mato e, no fundo, avista-se uma bonita montanha”.²⁵

²² CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 171. A expedição Langsdorff, da qual Florence fazia parte, passou em 1827 e a expedição de Castelnau em 1844.

²³ Idem, p. 171.

²⁴ Acurizal é a denominação dada a uma aglomeração de “Acuris”, pequena palmeira que ocorre em áreas de várzea em Mato Grosso.

²⁵ Idem, p. 172.

O autor destaca que ao longo do caminho “[...] encontra-se a formação de xisto argiloso, de cores diversas, destacando-se uma variedade de colorido violáceo”, desde o ribeirão do Engenho até a travessia do rio Cuiabá. No local da travessia, o rio Cuiabá tem 150 a 160 metros de largura. Os moradores do lugar informaram que as cabeceiras do rio Cuiabá estão a cinco dias de caminhada. Castelnau observa que a dona da casa em que estavam, “[...] apesar de não contar mais de 16 anos, tinha já um grande papo”.²⁶

No dia 2 de junho a comitiva de Von den Steinen chegou a Rosário, “[...] onde um barco faz o transporte para a margem direita do rio Cuiabá. Em Rosário Von den Steinen foi recebido pelo comandante do destacamento, Francisco Pompeu de Barros, que tinha sob seu comando 06 homens. Von den Steinen relata que o comandante “[...] recebeu-nos hospitaleiramente em sua casa, próximo ao largo da igreja”. Segundo Von den Steinen, “[...] as casas são de argila.”²⁷ A (casa) de Pompeu, (o comandante do destacamento), tem 2 quartos, sendo que um é de chão ladrilhado; o outro de terra fortemente amassada, as vigas do telhado são cobertas de tijolos. Um espaço abrigado lá fora serve de cozinha”.²⁸

O autor relata que contaram “[...]160 casas, entre as quais 06 cobertas de telhas. Calculando para cada casa 8 pessoas, teríamos uma população de, mais ou menos, 1.300 almas. As 3.084 almas, incluídas na estatística do ano de 1872, parecem número elevado demais em relação ao atual. No meio do grande largo, que mede 240 passos de comprimento e 117 de largura²⁹, ergue-se uma igrejinha, caiada de branco e muito limpinha. Diante dela vê-se uma cruz muito alta, cuja tábua horizontal se acha admiravelmente ornada com alguns ninhos de argila, construídos pelo “joão-de-barro”. Uma das casas distingue-se por ser assobradada”.³⁰

A caserna chamou a atenção de Von den Steinen. Ela era “[...] pequena, de antigas janelas feitas de pranchas de madeira, situa-se no largo da igreja e serve, também, como prisão”. As paredes da caserna estavam ornadas com “pinturas de jacarés e outras coisas semelhantes”, ao invés de nomes e notas, como em geral acontece. O relato destaca que “[...] os soldados são, na maioria, negros ou mestiços”.³¹

O número de habitantes de Rosário, segundo um morador, “[...] era quase sempre o mesmo, que a cidade não progredia, mas também não regredia. Tinha a vantagem de não possuir um mendigo. A maior parte dos homens trabalha no campo. Fazem-se negócios com Cuiabá, que compra arroz, feijão, açúcar, aguardente, tabaco,

²⁶ Idem, p. 173. O papo ou “bócio”, causado pela falta de iodo, era muito freqüente entre os moradores dos “sertões” de Goiás e Mato Grosso até as primeiras décadas do século XX.

²⁷ As paredes das casas, nesta região, no século XIX eram construídas de pau-a-pique, algumas em adobe. As construções em tijolo de argila, cozido no forno, eram poucas.

²⁸ STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central... op. cit.*, 103-104.

²⁹ O espaço deste largo se conservou para o uso público, sendo atualmente uma praça arborizada.

³⁰ Idem, p. 104.

³¹ Idem, p. 104.

madeiras para construção, especialmente cedros, além de arceiras, jacarandás, peúvas e paus d'arco”.

Von den Steinen observa que as mulheres costumam, tecem redes e enrolam cigarros. O comércio com Cuiabá se faz por água. Próximo à cidade o rio Cuiabá tem 176 metros de largura,³² segundo medição do Sr. Klaus (membro da expedição).

Em seu relato Von den Steinen escreve que muitos artigos de Rosário são vendidos em Diamantino, mas “[...] devido à “reexploração” (sic) das minas o lugar decaiu muito, produzindo pouco e as casas estão, em parte, fechadas ou desabitadas”.³³

Em Rosário a “indústria” mais importante “parece ser o gado suíno”. Von Den Steinen afirma que viu grandes exemplares com até 08 arrobas de toucinho. Ele faz uma referência ao costume de fazer as necessidades no “jardim”, no fundo do quintal, freqüentado pelos porcos, que com este hábito confirmam o nome que têm.

Como em Rosário não havia nenhum relógio, Von den Steinen resolveu construir, com os seus companheiros alemães, um relógio solar em lugar público. Apesar de rústico, o relógio atraiu a atenção de muitos curiosos.

A comitiva de Von den Steinen partiu de Rosário no dia 7 de junho. No relato, Von den Steinen escreveu: “[...] fizemos algumas compras, e um dos bois foi sacrificado e sua carne salgada”. Ele observa que perderam um dos bois, que foi mordido por uma serpente venenosa. Para substituí-lo compraram outro boi que também quase foi perdido, porque o negociante que o vendera tentou roubá-lo à noite.³⁴

O relato de Castelnau destaca que “[...] no dia 24 atravessamos o rio numa grande balsa, formada por um tablado apoiado sobre três canoas, capaz de transportar cinco animais”.³⁵

Percorrendo o mesmo trecho da estrada onde passaram as outras expedições, Bossi relata que depois de percorrer 22 léguas, desde que saíram da capital da Província, atravessaram o rio Cuiabá em uma balsa³⁶. Sobre os cursos de água, relata que no caminho há muitos arroios³⁷, que só têm água no verão. O autor do relato observa que “[...] as chuvas só caem em Mato Grosso de outubro a abril. No inverno não chove nunca”. O autor observa ainda que a terra tem todos os indícios dos terrenos minerais, auríferos. Veios de quartzo aurífero, ferro e canga, arenosos. Próximo à vila do Rosário,³⁸ distante uma légua do rio, “[...] pequeno povoado de cerca de mil almas”, cuja atividade essencial é a agricultura, a expedição atravessou o rio.

³² Castelnau que havia atravessado na balsa no mesmo lugar em 1844, (40 anos antes) fizera a medição do rio Cuiabá, relatando que naquele ponto o rio media 150 a 160 metros de largura

³³ STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central... op. cit.*, 104.

³⁴ Idem, p. 105.

³⁵ CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 173.

³⁶ BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca... op. cit.*, p. 72. Esta balsa ficava na Passagem, onde Florence, Castelnau, Von den Steinen também atravessaram o rio.

³⁷ “Arroio” no Rio Grande do Sul equivale a córrego, pequeno rio. Bossi, por ter vivido no Uruguai usa este termo, cuja grafia em espanhol é “arroyo”.

³⁸ A vila do Rosário atualmente tem a denominação de Rosário Oeste.

Após a travessia do rio, a expedição de Bossi fez uma marcha de cinco léguas até o rio Nóbrega ³⁹, à margem do qual os membros da expedição acamparam para o pouso. O relato registra que no caminho havia um pequeno cemitério. Bossi ficou impressionado com a paisagem, sobretudo com as matas às margens do rio. A paisagem da mata do rio Nóbrega foi retratada por Bossi. Esta gravura foi reproduzida no livro onde o autor faz o relato da viagem.⁴⁰

A Comitiva de Von den Steinen partiu de Rosário no dia 7 de junho. Na primeira marcha chegaram a uma pequena povoação, situada nas proximidades do Ribeirão dos Nobres, com “[...] alguns ranchos abandonados por temor aos índios”. Passando pelo Ribeirão dos Nobres a comitiva chegou a “[...] uma pequena floresta em que predominavam as palmeiras acurí”. No relato Von den Steinen diz que encontraram “[...] vestígios de jaguar, que serviam para confirmar as histórias de morticínio que ouvíamos todas as noites. Depois, seguia-se muito bom campo de pastagem, ótimo para criação”. Continuando, ele faz uma descrição da vegetação dos campos de cerrado. Antes da serra do Tombador a comitiva atravessou um “[...] maravilhoso trecho de floresta, aonde vimos diversas espécies de filifolha, pés de peroba, grossos e retos como pinheiros do Norte”.⁴¹

Bossi também ficou impressionado com a água do rio Nóbrega, que “[...] é clara como o cristal mais puro”.⁴² O autor faz uma descrição da paisagem à margem do rio onde haviam acampado, destacando a mata, as enormes árvores e a água cristalina.

Na noite em que pousaram às margens do rio Nóbrega, Bossi fez o registro de um eclipse lunar.

A expedição de Badariotti,⁴³ no início da viagem, percorreu o mesmo caminho dos outros viajantes. Depois de marchar em torno de onze léguas a expedição rumou para Noroeste, em direção à vila de Barra do (rio dos) Bugres. Após o desvio para o Noroeste, Badariotti relata que depois do rio Pari, subiram o chapadão, de onde eles avistaram a serra das Araras, que “[...] azulando no horizonte, fazia admirável contraste com a verde planície adjacente”.

Voltando ao relato da expedição Langsdorff, Florence relata que no dia 11 começaram a subir a serra do Tombador, que o autor descreve como um “cerro abrupto”.⁴⁴ Ele observa que o terreno é pedregoso e desigual até o “Campo dos Veados”, já no alto, onde havia vasto campo aberto na Chapada.

³⁹ Atualmente este rio é denominado rio Nobres. Bossi registrou o nome deste rio como rio Nóbrega, enquanto os outros viajantes o denominam rio dos Nobres.

⁴⁰ Idem, p. 73.

⁴¹ STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central... op. cit.*, 108-109. Os “pinheiros do Norte” a que ele se refere algumas vezes são os pinheiros da Europa.

⁴² BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca... op. cit.*, p. 73-74. Nesta serra nascem vários cursos de água, os quais correm em leito de pedra calcárea, razão pela qual suas águas são cristalinas.

⁴³ BADARIOTTI, Nicolau. *Exploração no Norte... op. cit.*, 22.

⁴⁴ FLORENCE, Hercule. *Viagem Fluvial... op. cit.*, p. 198-199.

A expedição de Castelnau acampou para o pouso perto do Ribeirão das Pedras, onde ocorreu um episódio pitoresco. Segundo Castelnau, (idem, *ibidem*) “[...] o povo, vendo-me coberto com o manto, e envergando um enorme chapéu de abas largas, e acima de tudo, verificando que éramos escoltados por soldados, imaginou que eu era o bispo”. Em pouco tempo “[...] toda a população se reuniu, resolvendo acompanhar-nos, para que lhes desse a nossa bênção”. Castelnau conta que uma “[...] multidão de homens, mulheres e crianças corria a berrar atrás de nós”. Assustados, os membros da caravana aceleraram a galope, para escapar dos “bravos campônios”.

Atento à composição geológica dos terrenos, Castelnau observa que “[...] o Caminho percorrido tinha o terreno formado de xisto argiloso, coberto por uma camada vermelha e escorregadia. Na camada superficial há muita canga. No rio das Pedras há-via gnaisses muito duros. À direita da estrada avistavam sempre a Serra Azul, da qual muitas ramificações chegavam até perto da estrada. À esquerda, do Coxipó para diante, apareciam os morros que ladeiam o rio Cuiabá, para onde corriam todos os cursos de água atravessados no caminho naquele dia”.⁴⁵

Bossi, continuando o seu relato, diz que após o pouso, no outro dia de manhã continuou a marcha em direção ao morro do Tombador, aonde chegou depois de duas jornadas. Sua descrição mostra o Tombador, que sobressai em meio aos “serrotes”. A estrada é íngreme, em caracol, perigosa. Na parte “[...] mais escarpada do Tombador precipita-se uma grandiosa cascata de mais de cem pés de altura,⁴⁶ rolando de fonte em fonte, de penhasco em penhasco, até formar um rio que corre algumas léguas e cai no Cuiabá”.⁴⁷

Castelnau relata que na passagem do rio (Cuiabá) havia vários jacarés, “[...] que os habitantes disseram ser inofensivos”.⁴⁸ Depois de uma marcha de cinco léguas, “[...] através de campos entrecortados de palmeiras, alcançamos a Serra do Tombador, em meio à qual se vê um monte cortado a pique. O caminho coleia junto à falda, através de belos bosques e coqueiros, penetrando depois entre as montanhas; ele é bem traçado e foi muitas vezes aberto com esforço entre rochedos e precipícios. Nos trechos mais perigosos é protegido por um parapeito”.

Castelnau admira a paisagem “[...] de notável beleza; avistam-se a cada momento profundos vales cobertos de sombria mata, destacando-se no fundo verde-escuro das florestas que vestem os flancos das montanhas os caules delgados e brancos das imbaúbas e os graciosos leques das palmeiras indaiá”. O rio Tombador tem uma largura de uns 15 metros, “[...] fechado pela magnífica floresta tropical, aí se precipita perpendicularmente de uma altura de 20 metros numa profunda garganta, expandindo-se em baixo da cachoeira numa bonita bacia”.⁴⁹

⁴⁵ CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 171.

⁴⁶ Em torno de 33 metros de altura.

⁴⁷ BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca... op. cit.*, p. 75.

⁴⁸ CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 174.

⁴⁹ Idem, p. 174. Devido à mudança no traçado da estrada, não é mais possível ver esta queda d'água a partir da estrada.

O caminho continua “bastante íngreme”, com diversas cascatas, “menos imponentes” do que a primeira, “[...] mas ainda assim muito pitorescas, graças aos paredões de rocha” [...]. (Idem, *ibidem*)

Von den Steinen também se impressionou com a serra do Tombador. Em seu relato ele fez as seguintes observações: “[...] uma parede alta e íngreme da pedra descrita parece, à nossa vista, como ruínas de castelo”.⁵⁰ [...] “Próximo a um regato encontramos, pela primeira vez, a palmeira buriti”. Dizia-se que onde tem buriti, tem água. Von Den Steinen continua o relato: “[...] pelas 11 horas, atingimos a escarpa tão falada, a qual segue ao longo da queda do Tombador. Este é o ponto pior do trecho Cuiabá - Diamantino. A estrada pedregosa e estreita inclina-se para a esquerda da montanha, à direita oferece vista para um abismo de rara beleza [...] O declive, que conduz ao regato barulhento, é quase vertical”.

A seguir Von den Steinen descreve a queda d’água no Tombador: “[...] essa queda d’água lança-se numa garganta formada por três cadeias de colinas opostas. A riqueza das plantas com que é provida corresponde, finalmente, à imagem que tínhamos do Brasil. Em parte alguma se nos depara pedra lisa, tudo é vegetação, mas ela não apresenta apenas a variedade das inúmeras gradações verdes, pois notamos, também, graciosas copas de árvores e palmeiras que oferecem forma caracteristicamente variada”.

A comitiva acampou na serra do Tombador, onde abateram a tiros dois bois perdidos no descampado. No dia 8 de junho, a comitiva permaneceu acampada no Tombador, para procurar o boi de carga que transportava as ferramentas necessárias para fabricar as canoas, nas quais eles navegariam nos rios da bacia do Xingu. No dia 9 de junho a expedição continuou a marcha deixando a estrada de Diamantino, e dirigindo-se para Norte / Nordeste. Segundo o relato, a paisagem “[...] parece outonal, com as folhas das árvores avermelhadas e murchas, e o capim amarelado e seco”.⁵¹ Von den Steinen observa que a paisagem é dominada por pequenas colinas “cujas elevações são levemente ondulantes”. Na campina “[...] os buritis multiplicam-se em todos os tamanhos e idades”.⁵²

Depois de galgar mais um degrau da cadeia de colinas a comitiva de Von den Steinen chegou a um novo planalto situado mais acima, onde havia “duas poderosas figueiras”, que “[...] sombreavam um ótimo recanto para piquenique, por onde passa, como se fosse encomendado, um regato muito límpido”. Nas proximidades havia diversas laranjeiras cheias de frutos, que foram assaltadas pelos membros da comitiva. A comitiva passou pela bifurcação dos rios Cuiabá-Paraguai e Arinos-Tapajós, acampando na cabeceira do Estivado, ribeirão que corre em direção ao rio Preto, afluente do

⁵⁰ STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central... op. cit.*, 111-112.

⁵¹ Nos meses de junho, julho, agosto, é o período do “verão” em Mato Grosso. Neste período não chove, motivo pelo qual os campos ficam muito secos.

⁵² Idem, p. 114.

rio Arinos. Do lugar onde estavam, até Diamantino a distância é de 4 léguas, e 2 léguas do rio Cuiabá.⁵³

No dia 10 de junho a expedição de Von den Steinen chegou ao Estivado, passando logo depois pela “floresta do Estivado”, depois da qual chegaram a um campo livre, que é o Chapadão. Segundo Von den Steinen, “[...] o caminho pelo Chapadão oferece a vantagem de evitar os riachos, mas a gente se aborrece com a monotonia e quase adormece sobre o animal que também parece lutar com o sono [...]”.

No chapadão encontra-se a palmeira “gariroba”, que “é baixa e modesta”. O já-tobá do campo é a árvore mais alta. “A terra é quase de um amarelo tijolo, principalmente nos formigueiros”.

À tarde do mesmo dia a comitiva chegou a um lugar denominado Cerquinha, onde havia um abrigo contra a chuva, no qual acamparam para o pouso. Havia muitas abelhas e borrachudos, “que vinham aos enxames”. O riacho Cerquinha corre em direção ao rio Cuiabá. Depois de uma marcha à tarde, os membros da comitiva acamparam para o pouso “[...] numa garganta do vale que é limitado por uma das cabeceiras do rio Cuiabá”.⁵⁴

Von den Steinen descreve a marcha através do “[...] chapadão de espessa vegetação campestre, onde dá o araticu, de fruta cônica, a sucupira de folhas muito Verdinhas e redondas. Numa descida mais suave alcançamos campina muito rica, com um farto “buritizal” e que formava a cabeceira do Arinos. Inúmeros buritis erguiam-se da água que tinha mais de um metro de profundidade. Um charco imenso indica a fonte do rio. A campina conduz, por todos os lados, a um campo mais alto e mais seco. No período das chuvas, trechos enormes devem ser completamente inundados por ali”.

O autor do relato observa que havia “diversas termiteiras que alcançavam dois metros de altura”, algumas com formas “bizarras”. A caravana passou pelo “buracão”, que é uma garganta do vale, próximo à cabeceira do rio Cuiabá, “[...] cercada por um bosque espesso e lindo, rico de oauassú (sic) e peúvas cobertas de flor vermelha”. Em 12 de junho, na travessia do chapadão, encontraram pegadas de duas onças, e dois jabutis que foram abatidos para enriquecer a janta.⁵⁵

No dia 13 de junho, percorreram terreno acidentado, atravessando dois regatos. Von den Steinen anotou em seu relato: “Santo Antônio traz mau tempo. A friagem de Santo Antônio também se manifestou no sul sob a forma de uma neblina, que logo se desfez”. A comitiva atravessou um “[...] planalto imenso, de aspecto árido e triste, com poucas arvorezinhas e muito capim seco”. Depois de chegar a uma planície, encontraram pequenos ribeiros, de margens lamacentas. Alguns animais atolaram, tendo que ser que puxados por cordas, pelos chifres e pela cauda. Um ajudante acendeu um feixe

⁵³ Idem, p. 115-116.

⁵⁴ Idem, p. 117-118. O Chapadão, no Campo dos Veados, está situado no divisor de águas das bacias do Cuiabá/Paraguai e do Arinos/Amazonas. A expedição passou pelo espigão, próximo às cabeceiras dos rios e riachos que nascem naquele planalto.

⁵⁵ Idem, p. 119-120.

de capim seco e pôs debaixo do rabo do boi, que saiu do atoleiro com um grande arranco.⁵⁶

Os membros da comitiva viram ao longe “[...] uma coluna de fumo que parecia provir da aldeia próxima”. Von den Steinen se queixa dos borrachudos (mosquitos) e pequenas moscas que assolavam os membros da comitiva. No dia 14 de junho encontraram vento sul com nevoeiro. A comitiva iniciou a marcha às sete horas da manhã. Às nove horas da manhã avistaram a primeira aldeia Bacairi, destacando-se quatro habitações. Os membros da expedição foram recebidos pelo “capitão” Reginaldo.

Florence relata que durante o dia a expedição Langsdorff marchou através do Campo dos Veados, em direção a Diamantino.⁵⁷ Na marcha através do chapadão, eles passaram pelo ribeirão Pedra de Amolar e pelo Paraguaizinho, que vem das Sete Lagoas, “chamadas cabeceiras do Paraguai”, distante meia légua da estrada por onde passaram.

Florence observa que o rio Amolar se junta com o Paraguaizinho, formando o Paraguai. Como a expedição estava perto das Sete Lagoas, resolveram visitá-las.

Florence faz as seguintes observações sobre as “Sete Lagoas”:

“[...] chegamos a um terreno alagadiço, onde se vêem, aqui e acolá, alguns banhados e pés de buritis. Nada de notável assinala o sítio: decorre um regato, e é o Paraguaizinho. Ali se acham as cabeceiras do Paraguai”.⁵⁸

Segundo Florence, o povo contava “fábulas aterradoras” sobre as Sete Lagoas, que teriam “profundidade insondável”, “enormes jacarés e monstros aquáticos”.⁵⁹

Continuando o relato, Castelnau diz que foram “[...] uma légua adiante, dormir numa fábrica de açúcar, conhecida pelo nome de Engenho dos Veados. Ao por do sol, vimos um cometa”.⁶⁰

Depois do Engenho dos Nobres, o caminho passa por duas cadeias de morros, de diferentes variedades de grés, com grandes massas de calcário estratificado. O calcário é visto principalmente na entrada da garganta.

Castelnau observa que o rio Tombador nasce no planalto do Campo dos Veados, descendo a serra no ponto mais abrupto em que toca a estrada. O autor escreve que se pode chegar ao altiplano pelo caminho que tinham percorrido, como por outra garganta que corre para sudoeste, chamada Parapitangas.⁶¹ O rio Tombador une-se ao rio dos Nobres um quarto de légua a nordeste da estrada, o qual deságua no rio Cuiabá.

⁵⁶ Idem, p.121.

⁵⁷ FLORENCE, Hercule. *Viagem Fluvial... op. cit.*, p. 198.

⁵⁸ Idem, p. 198.

⁵⁹ Algumas destas histórias e lendas persistem até hoje entre os moradores daquela região.

⁶⁰ CASTELNAU, Francis. *Expedição... op. cit.*, p. 175.

⁶¹ Atualmente este rio, situado no município de Alto Paraguai, tem a denominação de Piraputangas.

No dia 25 de dezembro Castelnau, e membros da expedição, entraram “[...] nas extensas planuras que se chamam Campos dos Veados, pela grande quantidade de veados que nelas havia antigamente”. Castelnau observa que “[...] hoje estes animais desapareceram completamente, vítimas de uma doença que os destruiu até a extinção”.⁶²

Bossi relata que depois de percorrer uma distância de duas léguas, encontra-se o rio Amolar, formado de cinco lagoas que existem na serra dos Bacairis, situada a 15 léguas ao N.NE., as quais se comunicam subterraneamente.⁶³ Segundo Bossi, “[...] esta é a verdadeira nascente do rio Paraguai, como demonstrarei mais adiante, retificando as notícias equivocadas dos geógrafos a respeito daquele rio, cuja origem, dizem serem as Sete Lagoas [...]”.

Depois de visitar as nascentes do Paraguai, nas Sete Lagoas, Florence e os membros da expedição Langsdorff retornaram ao caminho, chegando à borda do planalto, “[...] donde avistamos uma planície de duas léguas. À nossa esquerda ouvimos o ruído do Paraguai a cair num grotão da crista em que estávamos e o vimos serpear na várzea que se abre ao pé do declive”.⁶⁴ Às 4 horas da tarde a expedição chegou ao Diamantino.

Considerações finais

Os relatos destes viajantes foram feitos entre 1827 e 1898. A paisagem e o Caminho percorrido pouco mudou neste período de 71 anos. Apesar de alguns pontos em comum e semelhanças, contudo há algumas diferenças significativas nos relatos. Há diferenças nos interesses de cada um, na formação científica, nos objetivos. O relato mais minucioso do percurso entre Cuiabá e a vila de Diamantino foi feito por Castelnau. Bossi e Badariotti fizeram relatos com poucas anotações sobre percurso de Cuiabá a Diamantino. Os relatos destes viajantes destacam o que chamou a atenção de cada um. Alguns lugares, como os povoados da Guia, a travessia do rio Cuiabá, a serra do Tombador, e o chapadão após o Tombador, conhecido como Campo dos Veados, aparecem em todos os relatos. Outros lugares aparecem apenas em um ou dois relatos. Os pontos de referência que mais se destacam são os cursos de água, córregos e rios, e os acidentes geográficos, sobretudo as serras. Castelnau faz muitas observações sobre a formação geológica dos terrenos, e sobre a vegetação. Von den Steinen foi quem mais se deteve na vila de Rosário, onde permaneceu por 4 dias, fazendo muitas observações sobre o povoado. Von den Steinen também fez uma descrição detalhada do Chapadão, desde a Serra do Tombador até chegar à primeira aldeia Bacairi.

Os viajantes aqui apresentados, exceto Karl Von den Steinen, passaram alguns dias em Diamantino, visitando as “minas” de diamante, e o entorno da vila, descrevendo a paisagem, a exploração mineral, e os usos e costumes dos habitantes do lugar.

⁶² Idem, p. 175.

⁶³ BOSSI, Bartolomé. *Viagem Pitoresca... op. cit.*, p. 75.

⁶⁴ FLORENCE, Hercule. *Viagem Fluvial... op. cit.*, p. 199.

Bossi prosseguiu pelo rio Preto e Arinos, até encontrar a resistência dos índios Tapaiunas, que o obrigaram a retornar para Diamantino e Cuiabá. A expedição Langsdorff, também prosseguiu a viagem pelo rio Preto, Arinos, Juruena, Tapajós, Amazonas, chegando até Santarém e Belém.

Este texto apresenta as observações destes viajantes sobre o caminho percorrido desde Cuiabá até Diamantino ao longo do século XIX. A motivação que levou tantos cientistas-viajantes a visitar esta pequena vila encravada no coração da América do Sul se deve à importância que Diamantino tinha na época, devido à exploração do diamante, e por estar situada no divisor das bacias do Paraguai e do Amazonas. Como ao norte de Diamantino não havia nenhuma vila ou povoado de não índios, a vila era o ponto extremo da “civilização” e o ponto de partida para as expedições de comerciantes ou cientistas que adentravam rumo ao norte da Província de Mato Grosso ou para o Santarém e Belém.⁶⁵

Artigo recebido em 16 de abril de 2012.

Aprovado em 21 de julho de 2012.

⁶⁵ A rota para Santarém e Belém, através dos rios Preto, Arinos, Juruena, Tapajós e Amazonas, utilizada pelos comerciantes de Diamantino no século XIX, era conhecida como “rota paranista”.